

## OS MARCOS ETNOHISTÓRICOS NA LONGA DURAÇÃO: O RECORTE REGIONAL E A MEMÓRIA IMÓVEL DO PAMPA

### THE ETHNOHISTORICAL FRAMES IN LONG DURAÇÃO: THE REGIONAL CUTOUT AND THE IMÓVEL DO PAMPA MEMORY

Rodrigo Maurer<sup>1</sup>

**Resumo:** Muito se avalia sobre o projeto da Companhia de Jesus e os reflexos colocados à prova de povos originários das terras baixas platinas. No mesmo tempo, por vezes dispensamos atenção para as consequências temporais que se abarcaram sobre tradições pré-coloniais que precisaram acompanhar uma nova orientação de localização junto a um recorte regional que com o tempo se revelou irreversível. A contar daí, ambicionamos situar a memória imóvel do pampa na longa duração, em especial, retratando marcos etnohistóricos que não se desfizeram apesar das transformações que foram colocadas a cargo de uma conquista continuada.

**Palavras-chave:** territórios de memória, etnohistória, minorias étnicas.

**Abstract:** Much is endorsed on the project of the Company of Jesus and the reflections placed in the vicinity of the original lands of the lower plateaus. At the same time, at times we pay attention to the temporal consequences that will be covered by pre-colonial traditions that will need to accompany a new orientation of location together with a regional cut that as time will be revealed reversible. To tell the truth, we aim to place the memory of the pampas in a long duration, in particular, portraying ethnohistorical frameworks that do not deteriorate despite the transformations that are placed in charge of a continued conquest.

**Keywords:** territories of memory, ethnohistory, ethnic minorities.

#### Instruções básicas: ajustes de orientação e a consagração do “novo mundo”

O essencial é que se deve considerar que a Região Sul não possuía áreas significativas desabitadas, como se pode verificar nas informações arqueológicas e nas fontes históricas do século XVI.

Para os europeus conseguirem se estabelecer houve um prolongado e diversificado processo de contato, área por área, distinto a cada período e conjuntura histórica variando também conforme as populações envolvidas. Francisco Noelli

É habitualmente comum associarmos o conceito de território como algo praticado. Aliás se recorrermos à língua morta do latim, a palavra *Territorium*, fica classificada como a “porção de terra localizada, apropriada”. Curiosamente, a concepção de muitos jesuítas que aportaram na América reforça a presente terminologia.

Entretanto, essa narrativa parece ter facilitado a desfiguração de povos com fisionomias próprias que tiveram seu curso histórico comprometido e por algumas vezes até interrompido. E ao que tudo indica essa ação aconteceu de modo voluntário a fim de satisfazer os princípios da conquista. Entretanto e na consideração disso, estamos diante de uma construção no tempo que não contentou-se em simplificar falsas impressões, uma vez que ao interior daqueles

---

<sup>1</sup>Historiador. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História UFSM. Professor Substituto no curso de Ciências Humanas, UNIPAMPA, campus São Borja. Correio eletrônico: [ferreiramaurer@gmail.com](mailto:ferreiramaurer@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-5778-303X>

aldeamentos constituíram-se interesses e, muito provavelmente não simplificaram-se de todo grado a um consenso de fácil alcance.



**FONTE:** PINTO, Muriel & MAURER, Rodrigo. Quando a geo-história avança sobre os significados de um espaço urbano: as paisagens culturais e as transformações identitárias da fronteira Brasil-Argentina. In: *EURE, Revista de Estudios Urbano Regionales*, 40, 120, 2014, p. 152.

Por via dos fatos, nunca é demais retomarmos as situações de aflição que envolveram o galego Francisco Garcia (Jarque, 1687) – que já nos idos de 1685, conseguiu retratar em condições de total desamparo minorias étnicas, promovendo e contornando os seus próprios territórios. E ao que se constata de fundo, a confirmação desse entendimento não concluía tão somente a condição de estabelecer limites dentre os bárbaros e os cristãos – mas que ao reconhecimento das suas diferenças e convicções fosse possível acrescer uma identificação mais detida sobre outros grupos ou territórios, que potencialmente poderiam se fazer agregar num médio prazo. E, a busca por um padrão considerado ideal de “índio” ou de “sociedade”, fez em proporção com que muitas minorias étnicas acabassem esquecidas/relegadas ao próprio passado.

E é justamente essa a narrativa que pretendo demonstrar, isto é, de que não há como, genericamente, estipular uma racionalidade uniforme para circunstâncias que mais parecem indicar um aproveitamento consentido e voluntário, por grande parte dos religiosos, no sentido de modificar não só os territórios como também as minorias étnicas que por entre aqueles “territorializavam-se” e eram por consequência “territorializadas”.

Eis que nos deparamos com a súbita transformação e, precisamente, é onde começa a ser revelado que “[...] la adopción de elementos culturales hispánicos por parte de los indígenas no supuso una pérdida o decadencia cultural, sino adaptabilidad y vitalidad” (Matthew Restall,

2004, p. 184). Não obstante, é evidente que a instrumentalização daquelas comunidades passou a ser regulada conforme o aproveitamento das infiricções interétnicas<sup>2</sup>.

E por mais inusitados que possam parecer, as respostas, em sua maioria, apontam na mesma direção: tratar-se-iam de métodos de colonização indelicados que acabarão por confrontar intentos de ordem temporal quando ainda atemporal.

Visualizados os “pedaços”, naquele período era comum chegar uma que outra informação do Pacífico, dando conta de assaltos às embarcações espanholas por barcos ingleses, holandeses e austríacos<sup>3</sup>. Dos ataques surgiu a necessidade de manter um controle intenso da navegação e não demorou muito para que Assunción se tornasse o principal centro de operações para a conquista de novos territórios.

Tomemos por exemplo aquela que é considerada a expedição que garantiu a primeira aliança hispanho-indígena do Rio da Prata; a expedição de Juan de Ayolas – oficial de fragata espanhola – que objetivou chegar ao Potosí por intermédio do rio Paraná no começo do século XVI; que décadas mais tarde garantiu a criação do forte de Asunción. E isto, como sabemos, teve de ser medida regularmente ao empoderamento do sistema jesuítico (primeiramente por instinto – posteriormente por resguardo). E ter-se em conta suas possíveis alternâncias, ao longo dos anos, permite esclarecer outros interesses que não somente admitir a metáfora de conciliação por meio de agentes com culturas distintas.

Na consideração disto, também é importante salientar que as circunstâncias de colonização não se tornariam alcançáveis se ao passo das mesmas não fosse incentivada uma preparação em longa duração que priorizasse as possíveis modalidades de adaptação por parte dos indígenas. No tocante de tais imprecisões, é incrível saber que o modelo reducional contou com aprovação e simpatia das minorias étnicas, entretanto, é um pouco difícil empregar uma narrativa que nos faça definir não só o gesto de confiança que foi emitido, mas também, outros gestos semelhantes que levaram a modificação por completo, daquilo que poderíamos classificar como uma relação de pertencimento à terra, mas que com o decorrer dos anos tomou outra proporção.

Apesar da evidência, talvez não seja demasiado afirmar que essa dinâmica aconteceu em decorrência de uma continuidade de esforços. Por outro lado, não é de todo novo dizer que desde a chegada dos europeus a memória indígena teve de ser recriada<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup>Nesse caso me reporto ao antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira que sintetizou o termo como aquele que serve “para enfatizar o caráter conflituoso das relações interétnicas, moldadas por uma estrutura de sujeição e dominação”. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976, pp. 56-57.

<sup>3</sup>A.G.N.A. Sala IX: 6.9.7. *Compañía de Jesus. Documentos avulsos*.

<sup>4</sup>GRUZINSKI. Serge. *La colonización de lo imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el México*

Nestes termos, acredito que foi necessário investir numa linguagem de poder que fizesse despertar uma existência real e presente para cada atividade que colocavam a cargo das suas recomendações. E neste interim, é preciso não esquecer que a práxis esteve claramente endereçada em não só sensibilizar como condicionar na elaboração de uma relação totalizante. Destarte, novas dúvidas são levantadas a um problema especialmente amplo e que não por menos, merece uma continuidade de reflexão sobre soluções nada aparentes. Em tempo, não é mais possível se desviar da resposta que ampara o efeito instrutivo de missões. Um fator concorreu, todavia disposto, a determinar um direito eminente de subordinação étnico e territorial.

Provavelmente, a compreensão desta circunstância esteja relacionado a uma vigorosa preparação. E o que apuramos é parte de uma realização histórica que não só aponta como esta condicionada a um sistema de “dispositivos de etnificación y normalización” (BOCCARA, 2003). Certamente esse regramento não foi o único recurso utilizado que levou a uma garantia mínima de envolvimento daquelas comunidades, entretanto, pode ter sido um dispositivo tão seguro ao ponto que garantiu a sobredita afirmação.

De qualquer modo, a maneira mais eficaz de avaliar a problemática esta em esclarecer o planejamento e os recursos a ele agregados, quando em níveis complementares de atuação ou em vias de reconhecimento. Noutras palavras dos índios misturados aos pueblos de Guarani, é improvável esboçar uma revisão do projeto católico sem que não se faça uma interpretação a par e passo das minorias étnicas que insistiram em resistir ao modelo, seja no pampa quanto nas mediações do rio Uruguai e seus afluentes direitos Ibicuy, Butuí e Camaquã<sup>5</sup>.

A tempo, ocorre algo ligeiramente modificador. Aos poucos a memória indígena teve de ser recriada. E isso como bem sabemos não chega a ser uma exceção. Antes o contrário, o que está posto é um reconhecimento às claras do quão complicado foi projetar “mundos novos no Novo Mundo<sup>6</sup>”.

### **A evidência dos cerritos e suas implicações para a clivagem indígena**

[...] precisamos mencionar aqui que as qualidades humanas não são atribuídas exclusivamente a coisas vivas. Os caçadores-coletores não vivem apenas em uma paisagem de plantas e animais, rochas, colinas e cavernas. Suas paisagens são socialmente construídas e cheias de significado. Steven Mithen

---

*español. Siglos XVI-XVIII.* Fondo de Cultura Económica, México, 1991.

<sup>5</sup>Por índios pampeanos entendo: os Guenoas, Minuanos, Cloyás, Yarós, Bohanes, Chiriguano. Grupos que tiveram por território de exploração a metade meridional do estado do Rio Grande do Sul, compreendendo ainda, o Uruguai e as províncias argentinas de Buenos Aires, La Pampa, Santa Fé, Córdoba, Entre Rios e Corrientes.

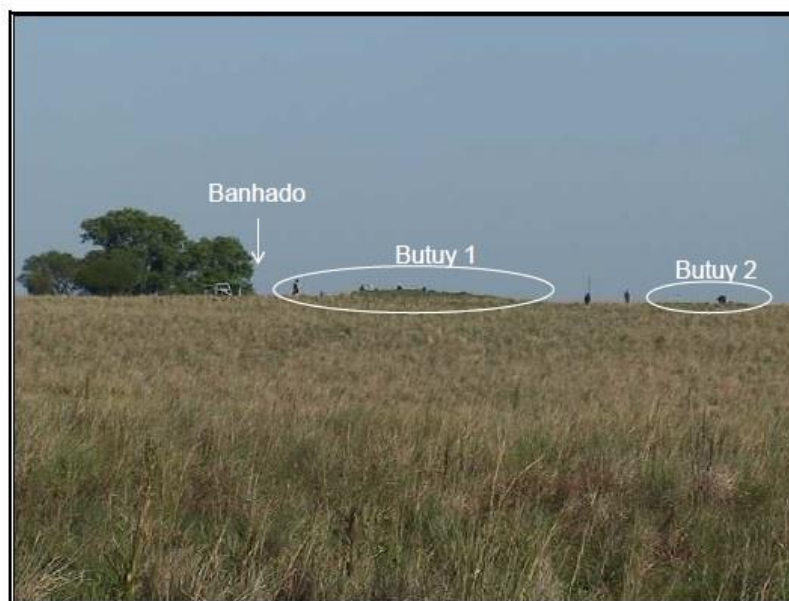
<sup>6</sup>BOCCARA, Guillaume. *Mundos Nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo: relectura de los procesos coloniales de etnogénesis, etnificación y mestizaje en tiempos de globalización.* In: *Mundo Nuevo Nuevos Mundos*, Paris, 2005, p. 42.

A origem dos cerritos já rendeu algumas linhas de entendimentos<sup>7</sup>. Conforme Schmitz (1976), as construções seriam um aproveitamento histórico do território por parte do homem. A origem dos mesmos poderiam acontecerem para cobrir vários fatores, desde a distribuição aleatória do lixo, a configuração de monumentos funerários, fortalezas ou ainda como marcadores de limite e de localização. Contrariando Schimitz, o investigador Mentz Ribeiro (1983) sustenta que os cerritos seriam “formações naturais”, todavia mantido a uma ocupação contínua antrópicamente que acabou por confiar-se artificialmente e de modo inconsciente pelos grupos proto-agricultores.

Em tempo o que temos em destaque, é uma tentativa prévia de entendimento paisagístico da importância que competia a área do perímetro dos cerritos e sua relação histórica para com a antiga redução de San Francisco de Borja e sua relação nos tempos modernos – ou aquilo que Luiz Oosterbek, classificou “patrimônio Imóvel”, ou tudo que “nos envolve” (OOSTERBEEK, 2007, p. 103). O tudo nesse caso é o traçado regional histórico que concluí na mobilidade dos povos originários e a relação histórica mantida naquele por conta dos cerritos, em especial o que os estudos arqueológicos já catalogaram como *Butuy 1* e *Butuy 2*.

---

<sup>7</sup>BROCHADO, J.P. Migaciones que difundieron la tradición alfaera Tupiguarani. In: *Relaciones*, n.s., 7 pp. 7-39, 1973. BONBIN, M., KLAMT, E. Evidências paleoclimáticas em solos do Rio Grande do Sul. In: *Comunicações do Museu de Ciências PUC/RS*. Porto Alegre, 13, pp. 1-12, 1974. BRACCO, R., BLANCO, S. Modalidade de enterramiento y huellas de origen antrópico en espécimenes óseos humanos. Tierras bajas del Este del Uruguay. In: *Arqueología y bioantropología de las tierras bajas*. LÓPEZ MAZZ, J. SANS, M. (Orgs.). Montevideo: Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Publicaciones, pp. 81-106, 1999. MILDER, Saul. Caçadores coletores: a problemática arqueológica sobre os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul. In: Quevedo, Júlio (Org.). *Rio Grande do Sul. 4 séculos de história*, pp. 5-59. Martins Livreiro, Porto Alegre, 1999. FEMENÍAS, Jorge. Cerâmica de los “Cerritos” del Noroeste del Uruguay y Sudeste del Brasil (discusión de los modelos resultantes). In: *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, vol. 17, n. 20, 1990. OLIVEIRA MONTARDO, D. L. *Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas*. Dissertação de Mestrado PUCRS, Porto Alegre, 1995. COIROLO, Alicia., BOKSAR, Roberto (Orgs.). *Arqueología de las tierras bajas*. Montevideo: Departamento de Publicaciones/Universidad de la República, 1999. MILDER, Saul, ZIMPEL NETO, Carlos, LEMES, Lucio. Hierarquia e morte nas terras baixas platinas. In: *Cadernos do CEOM*, Chapecó: Argos, ano 16, n. 16, pp. 251-273, 2003. CABRAL, Mariana P. *Sobre coisas, lugares e pessoas: uma prática interpretativa na arqueologia de caçadores coletores do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS/FFCH/PPGH, 2005. BECKER, Ítala B. *Os índios Charrua e Minuano na antiga banda oriental do Uruguai*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002. \_\_\_\_\_. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. In: *Documentos*. São Leopoldo, n. 5, pp. 125-147, 2006. QUINTANA, Vanessa, LIMA, Lidiane; MILDER, Saul. Manifestações culturais das terras baixas platinas: os cerritos de índios. In: *I Congresso Internacional da SAB*, Florianópolis, 2007. QUINTANA, Vanessa. *Lugares pensados, lugares transformados, lugares vividos. Os cerritos do Banhado do M’Bororé enquanto manifestações de uma cultura local*. Dissertação de Mestrado, PUCRS. Porto Alegre, 2010.



Há ainda uma avaliação mais recente empregada por Girelli e Rosa (2000) que chegam a situar os cerritos como espaços de guarida que aquelas comunidades recorriam para se proteger em tempos de inundações.



**FONTE:** QUINTANA, Vanessa B. *Lugares pensados, lugares transformados, lugares vividos: os cerritos do Banhado do M'Bororé enquanto manifestações de uma cultura local*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História, PUCRS, 2010, p. 31.

Por parte da arqueologia Uruguiaia a ilustração dos territórios-memórias dos cerritos se dividem em duas linhas teóricas muito claras: a) uma de viés culturalista, que percebe no aterro uma demarcação do território; b) e outra de origem processualista – vendo por meio do monumento a relação mantida entre homem e ambiente<sup>8</sup>. Por outro lado, a ilustração de

<sup>8</sup>CONSENS, M., MAZZ, J., CURBELO, M. Arqueologia en el Uruguay 120 años. In: *VII Congreso Nacional de Arqueología Uruguaya*. Montevideo, 1994. LOPEZ MAZZ, J. La construcción de túmulos entre cazadores-

momento sugere que o contexto ou o aproveitamento geográfico e paisagístico tratar-se-iam para nossa reflexão recursos de orientação que as comunidades originárias mantinham no espaço e no tempo histórico. Não obstante, sucede que outros desdobramentos já causaram uma certa precaução com a problemática. Arno Kern, a exemplo, não escondeu a sua cautela quando advertiu que:

Assim, muito antes de se iniciar o processo histórico provocado pela conquista e posterior ocupação ibérica do Brasil meridional, esta imensa área já possuía uma história de longa duração de dez mil anos, na qual as sociedades indígenas desenvolveram profundas diferenças étnicas e culturais, desenvolvendo adaptações específicas em cada um destes ambientes e coexistindo lado a lado, quando as primeiras velas européias despontaram no horizonte do Atlântico<sup>9</sup>.

Seja qual for a linha de entendimento que se atribua a aos cerritos, as investigações sem exceção, demonstram se tratar de estruturas que serviam de modo contínuo e com constantes aproveitamentos, ora mais sistemáticos, ora mais ocasionais. Nestas condições é bom lembrar que qualquer que tenha sido a função principal daqueles marcos os mesmos estão a provar uma constância de envolvimento, que retrocede e muito no ato de presença do europeu pela América.

No meu entender, o que hoje classificamos por pampa é a permanência de um território tão antigo que remonta a tradição pré-colonial dos Umbus<sup>10</sup>. Num dos muitos estudos que Francisco Noelli realizou é muito clara a importância do território e como ele conferia importância para com o povo originário em destaque: “O traço mais marcante que se verificou nas amostras estudadas é a longa persistência de padrões tecnológicos, com artefatos confeccionados com técnicas similares e, basicamente, com as mesmas matérias-primas, desde pelo menos 12.000 até 1.000 AP” (NOELLI, 1999-2000, p. 238). Mas, mais do que isso, a Tradição Umbu, remonta ao “longo dos 11.000 anos de duração” (op.cit, p. 233). Conforme, as abordagens do arqueólogo chegamos ao conhecimento que a tradição Umbu se caracteriza por

---

coletores complejos del Este del Uruguay. In: *Fronteiras*, 2 (4), pp. 297-310, 1999. LÓPEZ MAZZ, José; SANS, Mónica. Las estructuras tumulares (Cerritos) del litoral Atlántico Uruguayo. In: *Latin American Antiquity*. Vol. 12, n. 3, 2001.

<sup>9</sup>KERN, A.; JACKSON, R. *Missões ibéricas e coloniais: da Califórnia ao Prata*. Porto Alegre: Palier, 2006, p. 70.

<sup>10</sup>Sobre os Umbus, recorrer: KERN, Arno. Variáveis para a definição e caracterização das tradições pré-cerâmicas Umbu e Humaitá. In: *Arquivos do Museu de Historia Natural*, n. 6-7, pp. 99-108, 1981/1982. \_\_\_\_\_. Grupos pré-históricos de caçadores-coletores da floresta subtropical. In: Kern, Arno (Org.). *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*, pp. 135-166. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1991. DIAS, Adriana. *Repensando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. PUCRS, Porto Alegre, 1994. DIAS, Adriana; JACOBUS, André. Quão antigo é o povoamento do sul do Brasil? In: *Taller Internacional de INQUA la colonización del Sur de America durante la transición Pleistoceno/Holoceno*. Universidad Nacional de La Plata, dez., 2000.

ter feito “uso diferenciado de espaços e ambientes, ainda por ser explorado em futuras pesquisas” (NOELLI, 1999-2000, p. 234).

Se bem compreendemos, a mobilidade daquelas minorias étnicas indica a memória imóvel de um território ou um corredor que hoje compreende o país Uruguai e se estende para a região meridional do Estado do Rio Grande do Sul, curiosamente um território extenso e de grande potencialidade para fins etnográficos, histórico geográficos, antropológicos e também arqueológicos. Das condições apresentadas e em paralelo ao sentido primeiro que a ilustração permite fazer, fica a impressão de que por várias oportunidades o projeto de substituição daquelas comunidades originárias foi colocado sob suspeitas, haja vista, o sentido prático que a ação conferia para os seus interessados. E por mais óbvio que possa ser, é um tanto arriscado prever o propósito de fundo (evento/resultado consumado), e atestá-lo gradativamente conforme uma nova prerrogativa “ideal” de envolvimento. Próximo a essa linha de raciocínio, uma análise que traz luz ao fato em questão, foi ratificada por Denise Maldí ao concluir que:

Na representação europeia do território e da fronteira indígenas no período colonial há um espaço absolutamente básico, que deriva da ressonância da visão de mundo: o fato de que os espaços descobertos pelos colonizadores obrigaram o europeu, em primeiro lugar, a repensar todas as suas concepções geopolíticas<sup>11</sup>.

Em síntese e em termos esquemáticos, poder-se-ia aproximar a problemática reforçando a hipótese de que existiram vários interesses ao juízo da sobrevivência, contudo, não é possível estabelecer tal versão sem que ao menos se faça uma reflexão dos motivos que levaram aquelas comunidades a esse regramento de envolvimento. E a isso foi fundamental analisar o entorno, sem perder de vista as diferentes dimensões que o panorama apresentava. O que também não descarta a chance de que existiu um descompasso de importância entre o discurso missional e a realidade que compunha aquelas comunidades quando em condições de reconhecimento.

Nestas condições já está claro que a opção dos jesuítas pelos Guaranis deixa supor uma conquista temporalizada e essencialmente seletiva. E algumas manifestações, especialmente paralelas e acintosamente contrárias, ao usual contexto na maior parte das vezes, demonstram que o imediatismo de instabilidade que acompanhava aqueles feitos não perfilaria uma consciência contrária, quando muito retardariam a ocupação descontínua e dispersa, as quais tiveram de consentir determinadas minorias em meio à dinâmica considerada ideal.

---

<sup>11</sup>MALDI, Denise. De confederação a bárbaros: a representação da territorialidade e da fronteira indígenas nos séculos XVIII e XIX. In: *Revista de Antropologia*. Vol. 40, nº 2, São Paulo 1997, p. 188.



Esse entendimento invariavelmente contestado por María Clarissa Nofri (2009), acabou formalizando em proporção um imaginário de demonização sobre as minorias étnicas supostamente contrárias ao modelo de padronização. Por parte dos índios, constata-se justamente o contrário – uma vez que a perspectiva de vida deles manteve-se sob a temática de continuar partilhando de territórios ou localidades que lhes empregassem um ritmo de causa permanente – o que se ajusta aos marcos e as tradições originárias que ora narramos.

Essa realidade não nos é de modo algum estranha, pois notadamente o que aparenta ser uma afirmação por indefinições é em consequência disto, uma evidência que considera ou tenta considerar os intervalos históricos que conduziram grupos arredios em grupos sedentários. Todavia, para evitar maiores desenganos, esta atitude parece ter sido adaptada com a intenção de estabelecer as instruções e recomendações de fundo territorial. Mais cedo ou mais tarde, porém, o “encanto colonizante” teve de ser desfeito na sua proporcionalidade de modo a fazer valer os sentidos prescritivos que os indígenas detinham daquelas situações e seus desdobramentos territoriais.

Por esta e outras circunstâncias, a historiografia latino-americana vem procurando contribuir com uma série de pesquisas das quais parecem esboçar a diversidade étnica como o problema a ser enfrentado<sup>12</sup>. Explícita, por conseguinte, que muito há de ser analisado ainda – no que tange ao envolvimento daquelas comunidades indígenas para com a ordem reguladora – como a exemplo o fato de tornar-se ou portar-se cristão. Subjetivamente, o importante aqui não é apontar as tipologias ou suas possíveis implicações de apresentação, mas antes, reconhecer as estratégias de atuação que cercavam aquelas categorias ao curso de um delicado convívio. Parafraseando Christophe Giudicielli, “aquí tocamos con el dedo el fundamento teórico de la lógica de clasificación misionera: la fundación de tal o cual misión se ceñía – en teoría – a los linderos de las *naciones* a las que se pretendía encasillar para evangelizarlas”<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup>Vide: SUSNIK, Branislava. *Dispersión tupí-guaraní prehistórica. Ensayo analítico*. Asunción: Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, 1975. BECKER, Ítala I.; CEBEY, Juana P. Os índios da antiga banda oriental do Uruguai. Charrua e Minuano: histórico, abastecimento e assentamento. Sua relação com as frentes de expansão. In: *Estudos Leopoldenses*, Ano XIII, vol. 14, n° 47, 1978. BRACCO, Diego. Los errores Charrúa y Guenoa-Minuán. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, n° 41, 2004b. BAPTISTA, Jean . Diversidade reducional. A presença de culturas não-Guaranis e espaços reducionais. In: *VI Congreso Internacional de Estudios Ibero-Americanos*. Porto Alegre, 2006. CURBELO, Carmen; BOKSAR, Roberto B. Algunas reflexiones sobre la categoría guaraní misionero. Construcción, significado e interpretaciones. In: *XII Jornadas Internacionales Misiones Jesuíticas*. Buenos Aires, Setembro de 2008. DA SILVA, André Luis Freitas. *Reduções jesuítico-guaraní: espaço de diversidade étnica*. Dissertação de Mestrado em História. Dourados, MS: UFGD, 2011. \_\_\_\_\_ . Singularizando uma pluralidade étnica: as reduções jesuítico-guaraní e a diversidade indígena. In: *XV Jornadas Internacionales – Misiones Jesuíticas*. Santiago, Chile: Agosto de 2014. MAURER, Rodrigo F. *Do um que não é sete: o caso da antiga redução de San Francisco de Borja e a dinâmica da diferença*. Dissertação de Mestrado. Passo Fundo: PPGH Universidade de Passo Fundo, 2011.

<sup>13</sup>GIUDICELLI, Christophe. Las tijeras de San Ignacio. Misión y clasificación en los confines coloniales. In:

**Dos ajustes, reajustes e mais próximo do “índio idealizado”**

Em linhas gerais, a estranheza em determinados assuntos, ou grupos de difícil convivência, tem demonstrado uma certa incredulidade ao propósito de benevolência por parte da Companhia de Jesus. Paralelo a isso, as investigações, num sentido geral, estão provando a cada nova pesquisa que a estabilidade do dito índio reducional (de maioria Guarani) esteve muito mais no imaginário e no registro feito pela “mão do religioso”, do que na estrutura missional de fato<sup>14</sup>.

Do ponto de vista histórico, esse dado não implica a uma recomendação isolada. Mas consegue ao seu propósito editar um entendimento revisionista sobre argumentos extensamente substanciados pela historiografia tradicional. É, com efeito, o emprego mais comum que se pode fazer daquelas condições. Ora, em seu sentido mais amplo, é o mesmo que dizer que “o meio indígena propriamente dito não era homogêneo. As origens étnicas, o nível social, as gerações e os gostos pessoais introduziram mais do que nuances, irremediáveis clivagens entre os cronistas índios” (Bernard; Gruzinski, 2006, p. 203).

O contexto geral, salvo algumas exceções de interesse deixa entender que a lógica em questão priorizou situar as influências boas das identidades más. Em todo caso, por mais que possamos estipular uma coerência ao conteúdo, é evidente que nem sempre os jesuítas pensaram a natureza e o território como um objeto posto à sua disposição. É este então o marco genérico adotado para formular a digressão e as consequências que acabarão combinadas para profundar outras impressões subsequentes. Não obstante, restava ainda uma imensa margem de manobra para aqueles indígenas.

De qualquer forma, a primeira iniciativa que foi colocada a prova daquelas aconteceu em 1604, no governo de Hernando Arias de Saavedra – conhecido como Hernandarias. Suas determinações pediam a colonização dos indígenas através da evangelização católica. Com tempo, as comunidades deveriam se tornar postos avançados urbanos para servirem tanto à

---

*Saberes de la conversión: jesuitas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristandad.* Guillermo Wilde [et.al.] 1ª ed. Buenos Aires: SB, 2011, p. 353.

<sup>14</sup>Vide: SUSNIK, Branislava. Las relaciones interétnicas en la época colonial (Paraguay). In: *Suplemento Antropológico*, XVI (2): 19-27, 1981. BRACCO, Diego. *Charrúas, guenoas y guaraníes. Interacción y destrucción: indígenas en el Río de la Plata.* Montevideo: Linardi y Risso, 2004. DOS SANTOS, Maria C., BAPTISTA, Jean. Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII-XVIII). In: *Revista de História da Unisinos*, pp. 242-251, 2007. PEREIRA, Cesar. “Y hoy están en paz”: relações sócio-políticas entre os índios ‘infieis’ da banda oriental e guaranis missioneiros no século XVIII (1730-1801). Dissertação de Mestrado, PPG em História, UFRGS, 2012. MAURER, Rodrigo. *Do um que não é sete: o caso da antiga redução de San Francisco de Borja e a dinâmica da diferença.* Dissertação de Mestrado. PPGH Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011. DA SILVA, André Freitas. *Reduções jesuítico-guarani: espaço de diversidade étnica.* Dissertação de Mestrado em História. Dourados, MS: PPGH, UFGD, 2011. \_\_\_\_\_. Singularizando uma pluralidade étnica: as reduções jesuítico-guarani e a diversidade indígena. In: *XV Jornadas Internacionales – Misiones Jesuíticas.* Santiago, Chile, 2014.



É evidente que a ilustração reducional definiu uma nova orientação, ou melhor, fez desaparecer o envolvimento de outrora dos quais os indígenas dominavam com maestria de modo a substituí-lo por ambições coniventes aos interesses dos seus instrutores. E o lugar onde essa manifestação se revela mais flagrante é justamente nas situações de desconforto. Tidas como causas justas, talvez seja útil compreendê-las como motivações que tiveram de ser contornadas, ou como bem resumiu o padre superior Bernardo Nusdorffer em 1737, tratar-se-iam de “uma conquista continuada” (FURLONG, 1962, p. 631).

Mediante a narrativa fica devidamente contextualizado o que representou a conquista ao longo da “transformação reducional”. No persistir disso e como entendemos, ao curso dos séculos já não bastava mais, apenas conquistar, uma vez que era necessário persistir com as conquistas realizadas. E nisso incluiu também incentivar a mudança de hábitos ou a denominação de antigos territórios de memória para assim ambicionar uma nova paisagem de convívio onde fosse permitido adaptar o que fosse potencialmente ao ponto de expor os divergentes ou todos que se colocassem contrários ao tempo da conquista. Apesar do resultado já conhecido de todos nós, acredito que tudo isso ainda pode ser definido num curto espaço de tempo, todavia, por ora o que temos é um contexto histórico que necessita ser melhor aproveitado no sentido de diminuir as chances de esquecimento ou que faça valer as trajetórias que foram interrompidas.

O indicado então é conceber a atuação da Companhia de Jesus como um projeto que atingiu a sua regularidade de modo paulatino e em várias etapas. Não obstante, parte da nossa investigação procura situar a política fundiária e seu aproveitamento ganadero, leia-se de transformação, não como algo que estivesse a consolidar o propósito de conquista, mas apontar que o propósito se deu em decorrência de um reaproveitamento simbólico e de poder sobre localidades que reproduziam alguma importância para os indígenas<sup>15</sup> e portanto, necessitam ser desvendadas.

### **Das classificações étnicas e o desfazer do tempo-origem**

As investigações antropológicas provam dentre outras coisas que não existiram povos superiores ou inferiores, mas antes, povos diferentes – seja etnicamente e/ou culturalmente. Neste interim, é muito comum admitir a esse arcabouço teórico o reconhecimento sobre o “outro” como aquele que se porta diferente de quem o assim lhe conferia a observação de indiferença<sup>16</sup>. Por alguma razão, os propósitos subjetivos ou não, que sustentam as leituras em

---

<sup>15</sup>O antropólogo João Pacheco de Oliveira trata essa situação como parte de uma política de territorialização. Vide: OLIVEIRA, João Pacheco de. *Ensaios de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

<sup>16</sup>O “outro”, enquanto agente social e sujeito da sua história é pensado como sugerem alguns estudiosos da

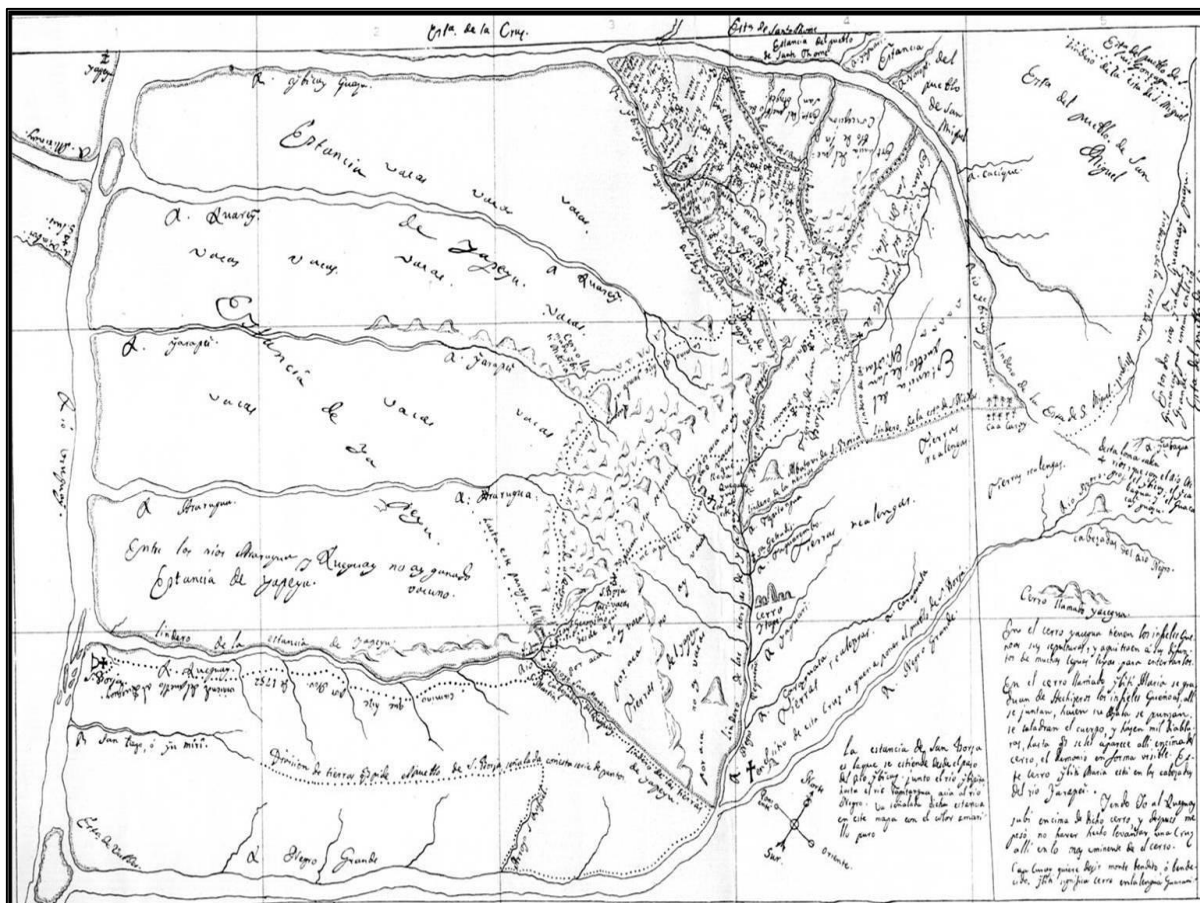
destrimento dessa condição dependem de um aprimoramento interpretativo que só se alcança mantendo uma rotina de pesquisa. E, numa avaliação inicial, o que procuramos contextualizar diz respeito a um sentido de atuação e interativo pouco regular, que visa compreender esse “outro” ou o “diferente” como um ator providencial que acabou orbitando num universo colonial que não apresentava maiores alternativas que não, fazer parte e converter-se a uma redução ou permanecer convivendo em liberdade sem qualquer regramento que fosse.

Paralelo a isso e de modo um tanto inovador, Denise Maldí (1997) classificou aquelas demonstrações como práticas de uma representação europeia que mal compreenderia a noção de territorialidade e de fronteira que acompanhava historicamente cada etnia. Por exemplo e em decorrência desses fatos, é quase que um letramento obrigatório fazermos uso dos Guaranis como um grupo *sui generis* e de descrição própria, contudo, e ao mesmo tempo ficamos surpreendidos quando constatamos nos documentos a existência de outras minorias étnicas que efetuaram-se e determinaram-se como partes da sociedade missioneira.

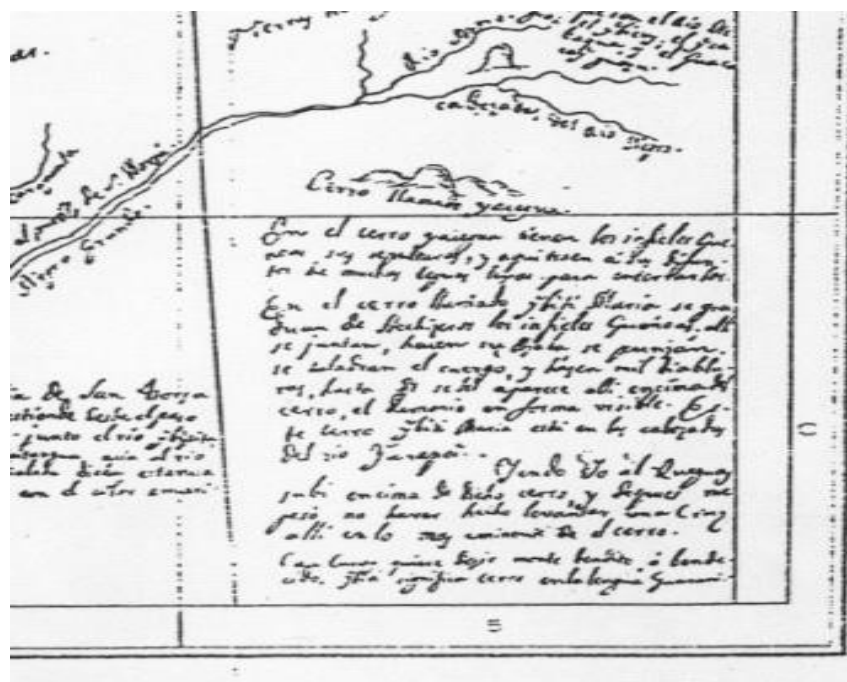
É bem verdade que a lógica assim constituída jamais aplainou um ajustamento comum, sobretudo por que poderia expor por circunstâncias de registro a necessidade de regular uma sociedade considerada ideal. É fato também que algumas minorias étnicas dispersaram-se do território reducional e, nem por isso, estiveram isoladas no tempo histórico como deixa a indicar a cartografia a seguir:

---

antropologia histórica, “como aquele que esta sendo observado”. Nesse caso, caberia reportar as seguintes produções: FERNANDES, Florestan. *A organização social dos Tupinambá*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1963. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A noção de colonialismo interno na etnologia. *Tempo Brasileiro*, [s.1], v. 4, n. 8, pp. 105-122, 1966. \_\_\_\_\_. *Soluções e enigmas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. DAMATTA, Roberto. Quanto custa ser índio no Brasil? Considerações sobre o problema da identidade étnica. In: *Dados*, n. 13, 1976. SEEGER, Anthony. *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Campus, 1980. OLIVEIRA FILHO, João P. *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero & UFRJ, 1987. VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Niterói: UFF. Belo Horizonte: Itatiaia, vol. 2, 1987. LEVI-STRAUSS, Claude. *A história do linco*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991. BRIONES, Claudia. *La auteridad del “cuarto mundo”*. Una desconstrucción antropológica de la diferencia. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1997. LOCKHART, James. *Los nahuas después de la conquista. Historia social y cultural de la población indígena del México central, siglos XVI-XVIII*. México: FCE, 1999. FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. MONTEIRO, John. *Tupis, tapuias e historiadores*. Tese de Livre Docência. IFCH, Campinas, 2001. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Imagens da natureza e da sociedade. In: \_\_\_\_\_. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo; Cosac e Naify, 2002, pp. 317-344. LIMA, Antonio Carlos. A identificação como categoria histórica. In: OLIVEIRA, João Pacheco de [org.]. *Indigenismo e territorialização. Poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro; ed. Contracapa, 2002, pp. 171-220. ESTENSSORO FUCHS, Juan. *Del paganismo a la santidad. La incorporación de los indios del Perú al catolicismo, 1532-1750*. Lima: IFEA, 2003. POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, tupi e tapuia no Brasil colonial*. Bauru, CNPq-Anpocs/Edusc, 2003. SAHLINS, Marshall. *Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. \_\_\_\_\_. *Cultura na prática*. 2. ed. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2007. \_\_\_\_\_. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. \_\_\_\_\_. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.



Fonte: Mapa de las estancias que tenían los pueblos misioneros al oriente del Riruguay. Guillermo Furlong. Cartografía jesuítica del Río de la Plata. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 1936, Lámina XXIV, n. 55 do Catálogo, p. 80.



Esse registro cartográfico é uma das raras manifestações que indica o quanto a manipulação gráfica foi utilizada como recurso pelos religiosos em situações que, por ventura,

retratasse as populações consideradas de difícil trato. Ao que tudo indica o registro cartográfico foi elaborado em 1752 pelo padre Miguel Marinón de modo a ratificar as a localização e a movimentação dos *Guenoas*. Como se estivesse a indicar uma região intransponível. A ilustração traz como base de apoio o seguinte conteúdo:

En el cerro yacegua tienen los infieles Guenoas sus sepulturas, y aqui traen á sus difuntos de muchas léguas peyos para enterrarlos. En el cerro llamado ybiti Maria se gradu un de hechizeros los infieles Guenoas; alli se juntan, hacen su dizaba [sic] se ocupan se tuladran el cuerpo, y hacen mil diabluras, hasta q<sup>e</sup>. se les aparece alli en cima del cerro, el demônio en formas visible. Este cerro ybiti Maria está en las cabezadas del rio Yarapei. Yendo yo al Queguay subi en cima de dicho cerro, y despues me peso no haver hecho levantar una Cruz alli en lo mas eminente de el cerro<sup>17</sup>.

Não é preciso fazer muito esforço para perceber que o reconhecimento de algumas minorias étnicas – tal qual os *Guenoas* que aqui ficarão retratados – acabaram delimitando algumas reservas de aproximação. E os religiosos, a exemplo de Marinón souberam reconhecer o limite que lhes acompanhava em meio ao poder territorial das antigas populações.

Agora, vejamos outro caso de proporção equivalente que tomou em conta a “clivagem indígena” daqueles grupos nativos.

Em 1683, numa das várias incursões que realizou junto aos índios *Guenoas*, o galego, Francisco Garcia, retratou a existência de outra minoria étnica que atendia por *Cloyá*. Ainda no que compete à descrição empregada, o padre cura de San Thome, fez significativas referências a uma suposta localidade alta da região, que conforme seu entendimento qualquer índio infiel reconheceria facilmente por *Sacangi* (vide: Jarque, 2008).

Curiosamente, as narrativas produzidas posteriores às observações elencadas por Garcia indicam uma desconsideração paulatina às informações. Digo paulatina, porque por sorte sobrou uma reflexão isolada do bávaro Anton Sepp, no qual apresentou os *Cloyas*, “como os mais dados à feitiçaria” (Sepp, 1972). Salvo essa rara manifestação, tudo sugere que a classificação daquelas minorias ou dos locais que davam acesso as mesmas, acontecia conforme o sucesso da conversão. E os resultados mais satisfatórios que pude obter até o momento demonstram que ao decorrer dos anos o projeto reducional passou a contemplar a etnia guarani de modo a efetuar propositadamente um esquecimento arbitrário sobre outras minorias étnicas – tanto as que competiam em zonas centrais como as que procuravam orbitar em zonas periféricas – como a exemplo os *Guenoas* e *Cloyás* – grupos minoritários que tiveram o destino

---

<sup>17</sup>FURLONG, Guillermo. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 1936: lamina 80.

o cargo do registro documental. Situações não muito distintas das que acabaram envolvendo a rotina de vários outros do rio da Prata, como por exemplo, *Caracaràs, Cupsalos, Lagunas, Homas, Frentones, Calchaquis, Cahro, Mohanes, Charruas, Payeguas, Abipones e Mocovíes*<sup>18</sup>.

Não se trata, portanto, de uma abordagem isolada ou uma excessiva preocupação em situar passagens específicas, que possam reportar alguma ou outra situação mais relevante que não a temática que ratifique a conquista colonial. A julgar, esta ilustração não chega a ser um fato isolado. Nem sequer conclui a um feito de exceção como deixam demonstrar algumas ilustrações de época. Não por acaso, Jean Baptista se dirigiu à presente problemática reforçando a hipótese de que:

A experiência missional foi um dos primeiros fenômenos reorganizadores das populações sul-ameríndias. Certamente, o contato trouxe consigo as forças destrutivas da colônia, mas os indígenas não deixaram de ver possibilidades de sobrevivência no seio do projeto que instalavam em suas terras. A identidade guarani, mais viável ao mundo colonial, foi um desses caminhos. Contudo, a experiência permitiu a elaboração de múltiplas estratégias, algumas passageiras, outras duráveis. Nasceram, aí, fenômenos de recriação identitária que acompanhariam as populações indígenas envolvidas ao longo dos séculos posteriores<sup>19</sup>.

Por isso é comum concluir que o sucesso do sistema colonial elevou determinadas condições ao ponto que algumas categoriais espaço-temporais tiveram de ser descaracterizadas de modo a infringir sobre o senso perspectivo que os indígenas mantinham junto as suas antigas orientações. Em relação ao tema, porém visando compreender o âmbito de resistência das comunidades originárias ao modelo espanhol, Nathan Wachtel (2004, p. 221), revisa que “o objetivo explícito era hispanizar um grupo privilegiado, a fim de criar uma classe governante que fosse obediente aos espanhóis”. Curiosamente a consequência mais direta daqueles feitos acabou por reverter numa mestiçagem<sup>20</sup>, não totalmente alheia à originalidade do pensamento cristão, que em legitimação da sua doutrina nunca deixou de prever a integração de povos

---

<sup>18</sup>Sobre os *Abipones* e os *Mocovíes*, María Laura Salinas, chegou a realizar uma exposição em referência aquelas minorias, neste caso: Los mocovíes del Chaco según la mirada del P. Manuel Canelas. In: *XV Jornadas Internacionales – Misionesz Jesuíticas*, Instituto de Historia UCP. Universidad Católica de Chile, Santiago, Agosto de 2014.

<sup>19</sup>BAPTISTA, Jean. A visibilidade étnica nos registros coloniais. Missões guaranis ou missões indígenas? In: *Povos indígenas*. Tau Golin [et.al.]. Passo Fundo: Méritos, 2009, pp. 227-228.

<sup>20</sup>Em referência a terminologia mestiçagem e suas discordâncias ver: MÖRNER, Magnus. *El mestizaje en la historia ibero-americana*. Estocolmo: Instituto de Estudios Ibero-Amricanos, 1960. POLONI-SIMARD, Jacques. Redes y mestizaje: propuestas para el análisis de la sociedad colonial. In: BOCCARA, Guillaume & GALINDO, Sylvia (eds.). *Lógica Mestiza en América*. Temuco, Chile: Instituto de Estudios Indígenas, pp. 113-137, 1999. GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. BOCCARA, Guillaume. *Colonización, resistencia y mestizaje en las Americas*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2002. FABERMANN, Judith; RATO, Silvia. *Historias mestizas en el Tucumán colonial y las pampas (siglos XVII-XIX)*. Buenos Aires: Biblos, 2009.



pagãos, desde que aqueles reconhecessem a sua condição como parte de um viver em que foram condicionados a cumprir.

A propósito, esse *modus operandis* não foi de modo algum diferente nas reduções índio-jesuíticas das terras baixas platinas e, no geral, o que retratamos tem a ver com um contexto de colonização que parece ter sido empregado de modo paliativo e circunstancialmente proposital a descaracterizar o território antes ocupado por comunidades altivas e potencialmente organizadas a traços regulares e de cunho próprio, que o discurso jesuítico por circunstâncias inúmeras procurou encobrir a fim de evitar de reportarem o território tal qual sempre conheceram.

### Revisar o todo pelo seu começo: como caracterizar a extensão da memória indígena?

La sincera conversión de los indios a la fe es muy difícil. Es verdad, pero conviene tener cuidadosamente en cuenta que siempre la prédica de la Fe resultó difícilísima y la justificación del Evangelio mucho más laboriosa de lo que nos imaginamos.

Jose Acosta

É fácil constatar que entre as décadas de 1940 a 1960 os autodidatas acabaram incorporando novas utopias para a história dos povos do Paraguai colonial. Parte das avaliações aconteceram com vistas a motivar noções idealizadas ou fantasiosas que fizessem transportar o pampa e o Atlântico Meridional como modelos únicos de uma Arcádia Perdida ou uma espécie de Eldorado Paraguai<sup>21</sup>. Ilustrações desse tipo acabaram por emitir a falsa sensação de que os religiosos de fato, haviam realizado um “Estado dentro do Estado”<sup>22</sup>.

Certamente, até meados dos anos 1970, polêmicas dessa natureza eram um tanto recorrentes, uma vez que aconteciam de modo a responder algumas variantes de sentido, como por exemplo: a natureza política da sociedade missioneira ou a organização econômica pelas quais se fizeram projetar. A falta de clareza sobre alguns assuntos resultou numa série de interpretações um tanto exageradas<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup>Os principais autores, e suas respectivas obras, a emitirem juízos sobre as instituições políticas ou a organização das reduções são: CUNNINGHAME, Graham Robert B. *La Arcádia perdida: una historia de las misiones jesuíticas*. Buenos Aires: Emecé, 2000 (1 edição, Londres, 1901). LEOPOLDO, Lugones. *El Império Jesuítico*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones Argentina, 1985 (1 edição, Buenos Aires, 1904). LUGON, Clovis. *A república “comunista” cristã dos Guaranis, 1610-1768*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977 (1edição: Paris, 1949).

<sup>22</sup>No prólogo do seu livro, Magnus Mörner alertava, de forma pioneira, que a maioria dos trabalhos dedicados ao estudo do “estado jesuítico” faltava uma base documental confiável, e que na sua maioria os estudos apresentavam uma tendência à polêmica. “Atividades políticas y económicas de los Jesuitas en el rio de la Plata”. Buenos Aires: Hyspamerica, 1968. (Primeira edição em espanhol).

<sup>23</sup>FREITAS, Décio. *O socialismo missioneiro*. Porto Alegre: Movimento,1982.p.20. Decorridos 15 anos da primeira edição Freitas reeditou a obra com um novo título, *Missões: a crônica de um genocídio*. Porto Alegre: Movimento, 1999. 3ª edição. Sem maiores revisões, embora composto por uma nota explicativa, data de 1997, o autor adaptou o conteúdo do livro assumindo um viés “populista”. O resultado é um auto reportar aos desfechos de graves proporções aos povos originários, uma vez que lhes reverteu “dizimação” e desfez o sonho da grande

Como que num gesto de esgotamento ao inopinado, eis que na conferência inaugural às *VII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas*, realizada na cidade de Resistência (Chaco/Argentina), em agosto de 1998, o historiador Magnus Mörner apresentou uma abordagem retrospectiva da produção intelectual sobre o tema. O entendimento daquele consistiu em advertir aos estudiosos de missões que do tudo que já havia sido produzido poucas seriam as investigações que não estariam a cargo do que ele apontou ser a “normalização historiográfica”<sup>24</sup>.

As críticas até hoje não mereceram uma contra resposta que fosse. O que acusa quão embaraçado é o contexto. Todavia, reforça também que já decorridas duas décadas desde que Mörner realizou o seu balanço não houve sequer uma pesquisa que o fizesse desfazer das suas declarações. O conteúdo, ainda que pese sua significativa validade parece já ter sido absorvido por uma leva de pesquisadores mais recentes<sup>25</sup>, ao mesmo tempo, é evidente que há uma resistência por parte da geração contemporânea do historiador que persistiu a produzir apesar das críticas realizadas por aquele.

E nesta direção, não posso negar que minhas avaliações estão direcionadas de modo a contextualizar a trajetória de minorias étnicas e de preferência reconhecer a história dos seus ancestrais quando por sorte ou por azar precisaram se depararam com personagens que desconheciam das suas paragens. Personagens estes que precisaram conciliar seu viver natural com agentes outros que em muitas vezes necessitavam decidir estratégias no auto do improvisado.

Obviamente, que a forma como compreendo o desfecho da “Província Gigante do Paraguai” não ambiciona alcançar uma revisão histórica didática, nem sequer sugere um rompimento com a literatura tradicional de ensino, mas é importante dizer que, mantemos disposição de sobra para investigar situações que desafiam as linhas de entendimento sobre o

---

população missioneira.

<sup>24</sup>MÖRNER, Magnus. “Del estado jesuítico del Paraguay al régimen colonial guaraní misionero: un proceso de ‘normalización’ historiográfica desde los años 1950”. In *JORNADAS INTERNACIONALES SOBRE LAS MISIONES JESUITICAS*, 7., 1988, Resistência: Instituto de Investigaciones Geohistoricas/Conicet:UNNE, Facultad de Humanidades, 1998.

<sup>25</sup>BORRASTERO, L. Trabajo final de licenciatura en Historia. “Las sociedades indígenas y su participación en la economía mercantil durante el período colonial temprano. Um processo de ‘hispanización’? (Córdoba 1573-1620)”. Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, 2016. BOIXADÓS, Roxana. Recreando un mundo perdido. Los pueblos de indios del Valle de Famatina a través de la visita de 1667 (La Rioja, Gobernación de Tucumán). In: *Población & Sociedad*, núm. 14-15, 2007, pp. 331. FECHNER, Fabian. Las tierras incógnitas de la administración jesuita: toma de decisiones, grêmios consultivos y evolución de normas. In: *Historica*, XXXVIII. 2 (2014): 11-42. MALDAVSKY, Aliocha. Conectando territorios y sociedades. La movilidad de los misioneros jesuitas en el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII). In: *Historica*, XXXVIII. 2, pp. 71-109, 2014. TELL, Sonia. Autoridades y conflictos de jurisdicción em “pueblos de indios”. Córdoba, Gobernación del Tucumán, 1750-1810. In: *Revista Complutense de Historia de América*, 44, pp. 167-190, 2018.

construto jesuítico sem que a cargo disso não fiquem desperdiçados os pedaços da história indígena.

Retomando o resultado pelo seu começo, uma vez avaliados na longa duração os marcos etnohistóricos por ora listados demonstram uma parte da história platina que necessita ser melhor contextualizada a fim de conhecermos com minúcias as minorias étnicas que ainda não haviam sofrido os reverses coloniais que acabaram por resultar na “destituição dos teyys”<sup>26</sup>. Entretanto, avaliando melhor a insistência indígena conseguimos conhecer os interesses que prevaleciam entre os povos originários e por sorte ainda podemos tirar uma conclusão das tradições e de tudo mais que consistiu num diferencial de envolvimento que precisou desfigurar as orientações de outrora, com vistas a consagrar um outro viver.

Em face desse detalhe, é preciso que repensemos a médio prazo os eventos que se avolumam sobre a extensão da memória indígena de modo a representá-la a curso de uma nova mistura étnica que se impôs naturalmente em decorrência de um vazio físico que precisou ser preenchido desde que ficou aditado o retorno em definitivo da ordem religiosa para a velha Europa em 1769. Desde então, restaram lembranças e sobraram frustrações sobre um convívio que acabou superado por uma melancolia temporal em formato de ruínas, conquanto, até que essa paisagem viesse a tomar a característica em questão, foi necessário para muitas minorias étnicas reagir instintivamente e recomeçar de um ermo que precisou ser encarado diuturnamente. E, assim, sem outras escolhas, lhes coube ter que (re)fazerem suas vidas aleatoriamente por terras e territórios de larga duração.

Disso se segue que, bem ponderadas as contradições, prevalece a suspeita que de tudo que o jesuitismo promoveu, não foi suficiente para desfazer a importância do pampa para as minorias étnicas. Porquanto, engana-se quem pensar num caminho simples e em perfeita harmonia. Apurando detalhadamente o processo em questão, desta maneira foram se acumulando as horas, os dias, as semanas, os meses e as décadas de anos que se seguiram até que o tempo índio fosse outra vez tomando conta de um entendimento regional que nunca deixou de ser permanente.

---

<sup>26</sup>SUSNIK, Branislava. *El indio colonial del Paraguay I: El Guaraní colonial*. Asunción: MEAB, 1965. \_\_\_\_ *El indio colonial del Paraguay II: Los trece pueblos guaraníes de las Misiones (1767-1803)*. Asunción: MEAB, 1966. \_\_\_\_ . Las relaciones interétnicas en la época colonial (Paraguay). In: *Suplemento Antropológico*, XVI (2): 19-27, 1981. \_\_\_\_ . *El rol de los indígenas en la formación y en la vivencia del Paraguay*. Asunción: IPEN, Tomos I e II, 1982. \_\_\_\_ . La cultura indígena y su organización social dentro de las misiones jesuíticas. In: *Suplemento Antropológico*, XIX (2), 7-19, 1984.

### Referências bibliográficas:

ACOSTA, José de. *História natural y moral de las Indias*. Edición de José Alcina Franch. Madrid: (Crónicas de América 34), História 16, 1987.

BAPTISTA, Jean . Diversidade reducional. A presença de culturas não-Guaranis e espaços reducionais. In: *VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, 2006.

\_\_\_\_\_. A visibilidade étnica nos registros coloniais. Missões guaranis ou missões indígenas? In: *Povos indígenas*. Tau Golin [et.al.]. Passo Fundo: Méritos, pp. 227-228, 2009.

BECKER, Ítala I.; CEBEY, Juana P. Os índios da antiga banda oriental do Uruguai. Charrua e Minuano: histórico, abastecimento e assentamento. Sua relação com as frentes de expansão. In: *Estudos Leopoldenses*, Ano XIII, vol. 14, nº 47, 1978.

BECKER, Ítala B. *Os índios Charrua e Minuano na antiga banda oriental do Uruguai*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

\_\_\_\_\_. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. In: *Documentos*. São Leopoldo, n. 5, pp. 125-147, 2006.

BERNARD, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *História do novo mundo 2: as mestiçagens*. São Paulo: Edusp, 2006..

BOCCARA, Guillaume. *Colonización, resistència y mestizaje en las Americas*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2002.

\_\_\_\_\_. Mundos Nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo: relectura de los procesos coloniales de etnogénesis, etnificación y mestizaje en tiempos de globalización. In: *Mundo Nuevo Nuevos Mundos*, Paris, 2005.

BOIXADÓS, Roxana. Recreando un mundo perdido. Los pueblos de indios del Valle de Famatina a través de la visita de 1667 (La Rioja, Gobernación de Tucumán). In: *Población & Sociedad*, núm. 14-15, 2007.

BONBIN, M., KLAMT, E. Evidências paleoclimáticas em solos do Rio Grande do Sul. In: *Comunicações do Museu de Ciências PUC/RS*. Porto Alegre, 13, pp. 1-12, 1974.

BORRASTERO, L. Trabajo final de licenciatura en Historia. “Las sociedades indígenas y su participación en la economía mercantil durante el período colonial temprano. Um processo de ‘hispanización’? (Córdoba 1573-1620)”. Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, 2016.

BRACCO, Diego. *Charrúas, guenoas y guaranies. Interacción y destrucción: indígenas en el Río de la Plata*. Montevideo: Linardi y Risso, 2004.

\_\_\_\_\_. Los errores Charrúa y Guenoa-Minuán. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, nº 41, 2004b.

BRACCO, R., BLANCO, S. Modalidade de enterramiento y huellas de origen antrópico en espécimenes óseos humanos. Tierras bajas del Este del Uruguay. In: *Arqueología y bioantropología de las tierras bajas*.

BRIONES, Claudia. *La auteridad del “cuarto mundo”. Una desconstrucción antropológica de la diferencia*. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1997.

BROCHADO, J.P. Migraciones que difundieron la tradición alfaera Tupiguarani. In: *Relaciones*, n.s., 7 pp. 7-39, 1973.

CABRAL, Mariana P. *Sobre coisas, lugares e pessoas: uma prática interpretativa na arqueologia de caçadores coletores do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS/FFCH/PPGH, 2005.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A noção de colonialismo interno na etnologia. *Tempo Brasileiro*, [s.1], v. 4, n. 8, pp. 105-122, 1966.

\_\_\_\_\_. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

\_\_\_\_\_. *Soluções e enigmas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

COIROLO, Alicia., BOKSAR, Roberto (Orgs.). *Arqueología de las tierras bajas*. Montevideo: Departamento de Publicaciones/Universidad de la Republica, 1999.

COMBÈS, Isabelle. *De la una y otra banda del río Paraguay. Historia y etnografía de los Itatines (siglos XVI-XVIII)*. Bolívia: Ed. Itinerarios/ILAMIS, 2015.

CONSENS, M., MAZZ, J., CURBELO, M. Arqueologia en el Uruguay 120 años. In: *VII Congreso Nacional de Arqueología Uruguaya*. Montevideo, 1994.

CUNNINGHAME, Graham Robert B. [1901]. *La Arcádia perdida: una historia de las misiones jesuíticas*. Buenos Aires: Emecé, 2000.

CURBELO, Carmen; BOKSAR, Roberto B. Algunas reflexiones sobre la categoría guaraní misionero. Construcción, significado e interpretaciones. In: *XII Jornadas Internacionais Misiones Jesuíticas*. Buenos Aires, Setembro de 2008.

DAMATTA, Roberto. Quanto custa ser índio no Brasil? Considerações sobre o problema da identidade étnica. In: *Dados*, n. 13, 1976.

DA SILVA, André Freitas. *Reduções jesuítico-guarani: espaço de diversidade étnica*. Dissertação de Mestrado em História. Dourados, MS: PPGH, UFGD, 2011.

\_\_\_\_\_. Singularizando uma pluralidade étnica: as reduções jesuítico-guarani e a diversidade indígena. In: *XV Jornadas Internacionales – Misiones Jesuíticas*. Santiago, Chile, 2014.

DIAS, Adriana. *Repensando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. PUCRS, Porto Alegre, 1994.

DIAS, Adriana; JACOBUS, André. Quão antigo é o povoamento do sul do Brasil? In: *Taller Internacional de INQUA la colonización del Sur de America durante la transición Pleistoceno/Holoceno*. Universidad Nacional de La Plata, dez., 2000.

DOS SANTOS, Maria C., BAPTISTA, Jean. Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII-XVIII). In: *Revista de História da Unisinos*, pp. 242-251, 2007.

ESTENSSORO FUCHS, Juan. *Del paganismo a la santidad. La incorporación de los indios del Perú al catolicismo, 1532-1750*. Lima: IFEA, 2003.

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FABERMANN, Judith; RATTO, Silvia. *Historias mestizas en el Tucumán colonial y las pampas (siglos XVII-XIX)*. Buenos Aires: Biblos, 2009.

FECHNER, Fabían. Las tierras incógnitas de la administración jesuita: toma de decisiones, grêmios consultivos y evolución de normas. In: *Historica*, XXXVIII. 2, pp. 11-42, 2014.

FEMENÍAS, Jorge. Cerâmica de los “Cerritos” del Noroeste del Uruguay y Sudeste del Brasil (discusión de los modelos resultantes). In: *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, vol. 17, n. 20, 1990.

FERNANDES, Florestan. *A organização social dos Tupinambá*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1963.

FREITAS, Décio. *O socialismo missioneiro*. Porto Alegre: Movimento, 1982.

FURLONG, Guillermo. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 1936.

\_\_\_\_\_. *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires: Teorema, 1962.

GIRELLI, M; ROSA, A. Prospecções arqueológicas em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul. In: *Arqueologia de las Tierras Bajas*. COIROLO, A., BOKSAR, R. (Eds.). Montevideo: Ministerio de Educación y Cultural, pp. 59-63, 2000.

GIUDICELLI, Christophe. Las tijeras de San Ignacio. Misión y clasificación en los confines coloniales. In: *Saberes de la conversión: jesuitas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristandad*. Guillermo Wilde [et.al.] 1ª ed. Buenos Aires: SB, 2011.

GRUZINSKI, Serge. *La colonización de lo imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII*. Fondo de Cultura Económica, México, 1991.

\_\_\_\_\_. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JARQUE, Francisco. *Las misiones jesuíticas en 1687. El estado que al presente gozan las misiones de la compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, Tucumán y Río de La Plata*. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 2008.

KERN, Arno. Variáveis para a definição e caracterização das tradições pré-cerâmicas Umbu e Humaitá. In: *Arquivos do Museu de Historia Natural*, n. 6-7, pp. 99-108, 1981/1982.

\_\_\_\_\_. Grupos pré-históricos de caçadores-coletores da floresta subtropical. In: Kern, Arno (Org.). *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*, pp. 135-166. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1991.

KERN, A.; JACKSON, R. *Missões ibéricas e coloniais: da Califórnia ao Prata*. Porto Alegre: Palier, 2006.

LEOPOLDO, Lugones. [1904]. *El Império Jesuítico*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones Argentina, 1985.

LEVI-STRAUSS, Claude. *A história do lince*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

LIMA, Antonio Carlos. A identificação como categoria histórica. In: OLIVEIRA, João Pacheco de [org.]. *Indigenismo e territorialização. Poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro; ed. Contracapa, pp. 171-220, 2002.

LOCKHART, James. *Los nahuas después de la conquista. Historia social y cultural de la población indígena del México central, siglos XVI-XVIII*. México: FCE, 1999.

LOPEZ MAZZ, J. La construcción de túmulos entre cazadores-coletores complejos del Este del Uruguay. In: *Fronteiras*, 2 (4), pp. 297-310, 1999.

LÓPEZ MAZZ, José; SANS, Mónica. Las estructuras tumulares (Cerritos) del litoral Atlántico Uruguayo. In: *Latín American Antiquity*. Vol. 12, n. 3, 2001.

LUGON, Clovis. [1949]. *A república “comunista” cristã dos Guaranis, 1610-1768*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MALDAVSKY, Aliocha. Conectando territorios y sociedades. La movilidad de los misioneros jesuítas en el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII). In: *Historica*, XXXVIII. 2, pp. 71-109, 2014.

MALDI, Denise. De confederação a bárbaros: a representação da territorialidade e da fronteira indígenas nos séculos XVIII e XIX. In: *Revista de Antropologia*. Vol. 40, nº 2, São Paulo 1997.

MAURER, Rodrigo. *Do um que não é sete: o caso da antiga redução de San Francisco de Borja e a dinâmica da diferença*. Dissertação de Mestrado. PPGH Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.

\_\_\_\_\_. Dos índios antes da Companhia de Jesus; e da ordem depois dos índios. A classificação étnico-semântica do Paraguai colonial (séc. XVII-XVIII). In: *Revista Digital Estudos Historicos*, n. 21, 2019a.

\_\_\_\_\_. Territórios, revisões de propriedade e pleitos pueblerinos: a práxis de colonização da Companhia de Jesus na Província do Paraguai (séc. XVII-XVIII). In: *Caminhos da História*. PPGH Unimontes, v. 24, n.2, 2019b.

MENTZ RIBEIRO, Pedro. Sítios arqueológicos numa microrregião de área alagadiça na depressão central do RS – Brasil. In: *Revista do CEPA*, v. 10, n. 12, 1983.

MILDER, Saul. Caçadores coletores: a problemática arqueológica sobre os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul. In: Quevedo, Júlio (Org.). *Rio Grande do Sul. 4 séculos de história*, pp. 5-59. Martins Livreiro, Porto Alegre, 1999.

MILDER, Saul, ZIMPEL NETO, Carlos, LEMES, Lucio. Hierarquia e morte nas terras baixas platinas. In: *Cadernos do CEOM*, Chapecó: Argos, ano 16, n. 16, pp. 251-273, 2003.

MITHEN, Steven. *A Pré-História da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: UNESP, 2002.

MONTEIRO, John. *Tupis, tapuias e historiadores*. Tese de Livre Docência. IFCH, Campinas, 2001.

MÖRNER, Magnus. *El mestizaje en la historia ibero-americana*. Estocolmo: Instituto de Estudios Ibero-Amricanos, 1960.

\_\_\_\_\_. “Atividades políticas y econômicas de los Jesuítas en el rio de la Plata”. Buenos Aires: Hyspamerica, 1968.

\_\_\_\_\_. “Del estado jesuítico del Paraguay al régimen colonial guaraní misionero: un proceso

de ‘normalización’ historiográfica desde los años 1950”. In VII JORNADAS Instituto de Investigaciones Geohistoricas/Conicet:UNNE, Facultad de Humanidades, 1998.

NOELLI, Francisco. A ocupação humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. In: REVISTA USP, São Paulo, n.44, p. 218-269, dezembro/fevereiro 1999-2000.

NOFRI, Maria C. Barbarie y demonización en los orígenes de un imaginario para la conversión de los indígenas de la pampa oriental (1663-1690). In: *XII Jornadas Interescuelas*. Bariloche, 2009.

OLIVEIRA MONTARDO, D. L. *Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas*. Dissertação de Mestrado PUCRS, Porto Alegre, 1995.

OLIVEIRA FILHO, João P. *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero & UFRJ, 1987.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *Ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

OOSTERBEEK, Luiz. *Arqueologia, patrimônio e gestão do território: polémicas*. Erechim: Habilis, 2007.

PEREIRA, Cesar. “Y hoy están en paz”: *relações sócio-políticas entre os índios ‘infiéis’ da banda oriental e guaranis missionários no século XVIII (1730-1801)*. Dissertação de Mestrado, PPG em História, UFRGS, 2012.

PINTO, Muriel & MAURER, Rodrigo. Quando a geo-história avança sobre os significados de um espaço urbano: as paisagens culturais e as transformações identitárias da fronteira Brasil-Argentina. In: *EURE, Revista de Estudios Urbano Regionales*, 40, 120, 2014.

POLONI-SIMARD, Jacques. Redes y mestizaje: propuestas para el análisis de la sociedad colonial. In: BOCCARA, Guillaume & GALINDO, Sylvia (eds.). *Lógica Mestiza en América*. Temuco, Chile: Instituto de Estudios Indígenas, pp. 113-137, 1999.

POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, tupi e tapuia no Brasil colonial*. Bauru, CNPq-Anpocs/Edusc, 2003.

QUINTANA, Vanessa, LIMA, Lidiane; MILDNER, Saul. Manifestações culturais das terras baixas platinas: os cerritos de índios. In: *I Congresso Internacional da SAB*, Florianópolis, 2007.

QUINTANA, Vanessa. *Lugares pensados, lugares transformados, lugares vividos. Os cerritos do Banhado do M’Bororé enquanto manifestações de uma cultura local*. Dissertação de Mestrado, PUCRS. Porto Alegre, 2010.

RESTALL, Mathew. *Los siete mitos de la conquista española*. Madrid: Paidós, 2004.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cultura na prática*. 2. ed. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2007.



\_\_\_\_\_. *Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SALINAS, María L. Los mocovíes del Chaco según la mirada del P. Manuel Canelas. In: *XV Jornadas Internacionales – Misiones Jesuíticas*, Instituto de Historia UCP. Universidad Católica de Chile, Santiago, Agosto de 2014.

SCHMITZ, Pedro. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande*. Tese de Livre Docência. Departamento de Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: PUCRS, 1976.

SEEGER, Anthony. *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SEEPP, Anton. [1698]. *Viagem às Missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos (1655-1733)*. São Paulo: Edusp, 1972.

SUSNIK, Branislava. *El indio colonial del Paraguay I: El Guaraní colonial*. Asunción: MEAB, 1965.

\_\_\_\_\_. *El indio colonial del Paraguay II: Los trece pueblos guaraníes de las Misiones (1767-1803)*. Asunción: MEAB, 1966.

\_\_\_\_\_. *Dispersión tupí-guaraní prehistórica. Ensayo analítico*. Asunción: Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, 1975.

\_\_\_\_\_. Las relaciones interétnicas en la época colonial (Paraguay). In: *Suplemento Antropológico*, XVI (2): 19-27, 1981.

\_\_\_\_\_. *El rol de los indígenas en la formación y en la vivencia del Paraguay*. Asunción: IPEN, Tomos I e II, 1982.

\_\_\_\_\_. La cultura indígena y su organización social dentro de las misiones jesuíticas. In: *Suplemento Antropológico*, XIX (2), 7-19, 1984.

TELL, Sonia. Autoridades y conflictos de jurisdicción em “pueblos de indios”. Córdoba, Gobernación del Tucumán, 1750-1810. In: *Revista Complutense de Historia de América*, 44, pp. 167-190, 2018.

WACHTEL, Natan. Os índios e a conquista espanhola. In: *História da América Latina: América Latina colonial*. Vol. 1. Leslie Bethell (Orgs.). São Paulo: Edusp, Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2004.

VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Niterói: UFF. Belo Horizonte: Itatiaia, vol. 2, 1987.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo; Cosac e Naify, 2002.